

CIÊNCIA

BOTÂNICA

Arquipélago ameaçado

Levantamento descobre as riquezas e os riscos das ilhas de Cerrado no Vale do Paraíba



FOTOS MARINEZ FERREIRA DE SIQUEIRACRIA



Entre metrópoles: o Cerrado do Vale do Paraíba (ao lado, em regeneração, após incêndio) abriga espécies típicas, como a *Schefflera macrocarpa* (mandiocão, acima), e raras, como a *Periandra mediterranea*

(ipê verde), *Schefflera macrocarpa* (mandiocão) e *Erythroxylum suberosum* (mercúrio-do-campo).

A flora do Cerrado do Vale, de modo geral, é relativamente pobre, devido à expansão das cidades e da rede viária, da poluição atmosférica ou ainda a fatores naturais ligados ao isolamento e às condições ambientais locais. Há em média 60 espécies em cada fragmento, mas 17 delas não são encontradas em nenhuma outra região do Estado, como a *Alibertia elliptica* (marmelada), *Tabernaemontana laeta* (leiteiro), *Leucochloron incuriale*, *Periandra mediterranea*, *Miconia ferruginata* e *Sorocea jureiana*. Algumas dessas são mais comuns em Minas Gerais e outras em áreas de transição da Mata Atlântica para o Cerrado. De fato, o Cerrado do Vale assemelha-se mais ao de Minas do que ao do oeste paulista.

Como essas áreas estão distantes de outras que permitam a entrada de novas espécies, a tendência é que a vegetação fique cada vez mais pobre. Mas, para os pesquisadores, o elevado número de ocorrências únicas e a peculiaridade das condições ambientais tornam essas áreas altamente prioritárias para a conservação do Cerrado no estado e para a compreensão dos processos ecológicos que determinam a existência desse tipo de vegetação.

Há séculos, o Cerrado ocupava uma área contínua no Planalto Central, de onde se estendia na forma de penínsulas ou manchas isoladas – algumas ainda persistem. É o caso dos enclaves encontrados na Mata Atlântica no Vale do Paraíba, entre São Paulo e Rio de Janeiro. Como outros remanescentes paulistas de Cerrado, os do Vale estão fortemente ameaçados, mesmo as áreas de propriedade do Estado, conforme estudo realizado por Giselda Durigan e Geraldo Franco, do Instituto Florestal de São Paulo, e Marinez Ferreira de Siqueira, do Centro de Referência em Informação Ambiental (Cria), de Campinas.

Eles percorreram cinco áreas de Cerrado nos municípios de São José dos Campos, Caçapava e Taubaté, como parte de um projeto do programa Biotá-FAPESP, e diagnosticaram 86 frag-



mentos, nos quais predominam as formas campestres desse tipo de vegetação: campo sujo, campo cerrado e cerrado *stricto sensu*. Identificaram 122 espécies, das quais 15 são típicas da flora local, como *Acosmium subelegans* (perobinha-do-campo), *Aegiphila lhotzkyana* (tamanqueira), *Byrsonima coccolobifolia* (murici), *Tabebuia ochracea* (ipê amarelo), *Cybistax antisiphilitica*